

Retiro A Visão Budista da Vida e da Morte Lama Padma Samten

Bacopari – 23/05/2021 - Tarde
<https://youtu.be/8LDJqIWaHiA>

Transcrição: Jade Luiza Carneiro - agosto/2021
Revisão: Nea de Castro - junho/2022, Mônica Kaseker 07/08/2022

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível. Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com

Reflexões a partir do Surangama

Nós vamos para a última parte do nosso retiro. Vou trazer um texto, uma parte do *Surangama Sutra* que estamos estudando nas terças e quintas. Agora tem uma linha temática desse sutra. Eu estou estudando até terminar. Então provavelmente vai demorar um bom tempo porque é um sutra longo. Mas ele é super importante. Junto com esse sutra também está postada a indicação dos vídeos do Khenpo Sodargye Rinpoche que comenta e apresenta partes desse sutra. Aqui tem uma parte que é uma conversa do rei Prasenajit que foi um dos benfeitores do Buda. Está certo que o maior benfeitor foi o Buda em relação ao rei. Mas quando se diz respeito às condições do samsara, o rei ajudou o Buda.

Outflow

Então o rei tinha umas questões, como vocês vão ver, que estão ligadas a vida e morte e o Buda dá um ensinamento que é como uma transmissão. É como se fosse uma instrução piedosa para o rei com respeito ao que não morre.

Essa parte começa assim (pedi para a Carol Souza, que estava conosco no retiro, [texto] para traduzir para mim; ela traduziu de ontem para hoje, para eu ter esse conforto aqui, não ficar escolhendo as palavras enquanto eu vou lendo):

O rei Prasenajit levantou-se e disse ao Buda: antes de ser visto pelo Buda encontrei Catiaiana e Vairatiputra (que eram mestres daquele tempo, mas não eram mestres budistas, eram mestres da tradição hindu. O Buda conviveu com muitos grandes mestres de outras tradições e havia esses diálogos, esse encontro sobre diferentes visões). Ambos disseram que, depois que esse corpo morre, deixamos de existir e nos tornamos nada. Essa nulidade, essa ausência em si, é o que eles chamam de nirvana.

Carol teve a delicadeza de deixar a palavra em inglês para “essa nulidade”, que é como ela traduziu *nothingness*. Em si é o que eles chamam de nirvana; é como se eles fossem da doutrina do nada; só que esse nada (sabe que essa palavra em sânscrito existe? “nada” N-A-D-A, assim mesmo, e essa palavra significa “nada”) não é uma ausência, não dá para dizer nem que é um buraco; se fosse um buraco seria alguma coisa. É uma inexistência. Essa é uma possibilidade de nós considerarmos a vacuidade: considerar a vacuidade como uma inexistência, uma ausência. Então eles viviam dentro dessa perspectiva.

Essa nulidade em si é o que eles chamam de nirvana; agora, embora eu tenha encontrado o Buda, ainda tenho dúvidas que me deixam cauteloso. Como posso de fato reconhecer a mente verdadeira e fundamental que nem vem a ser e nem perece? Como posso realizar a mente verdadeira, ou reconhecer a mente verdadeira e fundamental que nem vem a ser e nem perece? Todos nessa grande assembleia, cuja energia flutua (que tem esse outflow) desejam ouvir a resposta.

Assim, aqui nós estamos nos defrontando com essa expressão *outflow*. Esse ponto é interessante porque essencialmente representa a experiência de que nós olhamos para algo como, por exemplo, um tabuleiro - vamos voltar ao jogo de xadrez - nós estamos jogando xadrez, que é um jogo mais complexo, estamos jogando, sempre vem alguém e dá uma olhada. Para uma pessoa dar uma olhada ela tem um *outflow* : ah e se fizer isso, fizer aquilo e fica dando palpite, isso é uma coisa que acontece. Então *outflow* é justamente isso: a pessoa olha e aquilo brilha, e ela produz uma sequência de originação dependente. Ela vê uma certa direção mas a energia acompanha, não é uma energia que flutua, pode ser isso, pode ser aquilo, não. Tem uma energia que aparece, uma coisa meio italiana, esse é o *outflow*; tem uma sequência, uma sequência cognitiva e de energia junto, por isso *“todos nessa grande assembleia cuja energia flutua desejam ouvir a resposta”*.

Impermanência

Então Buda disse ao rei:

-Se me permite perguntar: o seu corpo é indestrutível como o vajra ou está sujeito à deterioração?

- Honrado dos mundos, esse meu corpo seguirá mudando até o fim e perecerá.

Buda falou:

Vossa majestade ainda não pereceu. Como pode saber se isso vai acontecer, que perecerá ?

Honrado dos mundos, meu corpo é impermanente, está sujeito à deterioração, embora ainda não tenha perecido; mas agora refletindo, posso ver que, cada um dos meus pensamentos, ele vem e desaparece (então agora ele começa a relatar isso, essa experiência que depois o Buda vai pegar que é o fato de que os pensamentos vêm e vão) e é seguido por um novo pensamento que também não perdura, como o fogo se transformando em cinzas, constantemente morrendo, para sempre perecendo. Por meio disso, (ou seja, pela contemplação dessa impermanência, ele vê que o corpo dele por meio disso...) estou convencido de que meu corpo também deve vir a parecer.

Como nós olhamos - o nosso corpo também vai se renovando e vai sofrendo deterioração - e ao final deve vir a perecer.

O Buda diz:

- Assim é majestade, você está nos seus anos de decadência (e o Buda pah! confirmou). Como você se parece agora em comparação a quando era um garoto?

- Honrado dos mundos, quando eu era criança minha pele era fresca e macia. Eu era repleto de energia vital na juventude, mas agora nos meus anos finais, com a pressão da idade avançada, meu corpo definhou e está cansado, minhas energias vitais (A Carol colocou a palavra que eles usaram que é muito apropriada, vital spirits, que é a energia vital. Não sei se tem só no inglês ou se eles puxaram do latim) estão embotadas, meu cabelo ficou branco e minha pele enrugou, não me resta muito tempo. Como isso poderia se comparar à flor da juventude?

Aqui o mestre Hsuan Hua comenta:

O rei chegou a um ponto em que seu corpo já não o ajuda, ele o oprime e resmunga para se mover para outro lugar, em breve se tornará inabitável.

E aí o Buda fala:

Majestade, a aparência de seu corpo não pode ter se deteriorado subitamente. O rei respondeu: Honrado dos mundos, de fato! (Então na verdade o Buda vai convergir para mostrar para o rei o que não decai quando tudo decai, esse é o ponto. Então ele está com essa conversa pra ver se o rei traz [algo], está vendo alguma coisa para que ele possa apontar) A mudança foi tão sutil que praticamente não a percebi. Cheguei a esse ponto gradualmente através do passar dos anos; desse modo, aos vinte e poucos eu ainda era jovem, mas já parecia mais velho do que quando tinha 10 anos. Os trinta anos assinalaram um declínio ainda maior em comparação aos vinte, e agora, aos 62 anos, eu vejo os cinquenta e poucos como uma época de força e saúde.

Honrado dos mundos, ao observar essas transformações sutis, percebo agora que as mudanças forjadas pela descida, pela direção à morte, são evidentes. Não apenas a cada década, mas podem também ser discernidas em incrementos menores. Considerando mais atentamente, podemos ver que as mudanças ocorrem ano após ano, assim como a cada década. Na verdade, como elas poderiam ocorrer apenas de ano em ano? essas mudanças ocorrem todo mês. Como poderia ocorrer somente de mês em mês? elas acontecem dia a dia e, se contemplamos profundamente, podemos ver que há mudanças, ininterruptas de momento a momento, em cada pensamento sucessivo; desse modo posso saber que meu corpo seguirá se transformando até perecer.

O Buda disse ao rei:

Observando tais mudanças, essas transformações incessantes, você sabe que deverá perecer, mas também sabe que, quando perece, algo em você não perece com você? Juntando as mãos, o rei Prasenajit respondeu ao Buda: de fato, não sei!

O Buda disse:

Agora revelarei aquilo que não vem a ser, que não surge e não perece. Majestade, na primeira vez em que viu o rio Ganges qual era sua idade?

O rei respondeu:

Tinha três anos quando minha amada mãe me levou para prestar homenagem à deusa Shiva. Quando passamos por um rio soube que se tratava do Ganges.

Buda falou: majestade, você disse que aos 20 e poucos anos já havia envelhecido em comparação com quando tinha dez. Ano após ano, mês após mês, dia após dia, em cada pensamento sucessivo, ocorreram mudanças até você alcançar os 60 anos. Considere isso, no entanto: quando tinha três anos você viu o rio, dez anos mais tarde aos 13, como era o rio?

O rei respondeu:

Parecia igual, tanto aos treze quanto aos três anos e mesmo agora que tenho 62 ele permanece o mesmo.

O Buda disse:

Agora você está pesaroso porque seu cabelo está branco e sua face enrugada; seu rosto certamente tem mais rugas do que tinha na juventude, mas quando você olha o Ganges sua consciência visual de algum modo difere da consciência visual de quando o viu na sua infância?

Consciência visual

Aqui a consciência visual é um tema [sobre o qual] o rei já tinha que ter refletido antes, porque uma coisa é nós olharmos, outra coisa é nos olharmos e vemos que tem uma mente, uma consciência associada aos olhos que reconhece o que está aí. Eu acho mais difícil ainda reconhecer o aspecto luminoso relacionado à consciência visual; quando nós olhamos, seja o que for, como por exemplo o templo, olhamos e dizemos "bom essa é a sala de meditação". Eu penso que isso

vem pelo órgão visual e pelo cérebro, alguma coisa assim, mas sou obrigado a entender que o templo é uma categoria que não vem da percepção visual, mas da mente associada aos olhos, então eu vou chamar isso de consciência visual, porque essa consciência é luminosa; aqui só tem parede e tinta e eu vejo o templo. Isso fica mais evidente se eu pegar uma foto, olhar no papel impresso e dizer “sim! O templo”; aí fica clara a consciência visual, ou seja, o fato de que a luz, que atinge os olhos, ela vai ser elaborada pela consciência visual e vai produzir um objeto, esse objeto eu vejo, como por exemplo o templo.

Nós [também] vemos muitas fotos de criança, mas de repente a gente identifica os nossos filhos, então aquilo tudo é foto de criança, mas estou vendo alguma coisa a mais. A consciência visual, ela está produzindo ali onde tudo são fotos impressas; eu tenho papel e toner, ela produz uma sensação que inclui uma emoção também.

Assim, todo esse processo é produzido pela consciência visual, que está associada ao aspecto luminoso da realidade. Ela produz a realidade luminosa: a realidade é luminosa e é a mesma consciência que vai produzir as imagens de sonho à noite. A consciência luminosa pode variar as coisas, as coisas vão variando, mas a ação da consciência visual não se altera; ela segue, não cria rugas, então esse é o argumento do Buda.

Então Buda disse: Agora você está pesaroso porque seu cabelo está branco e sua face enrugada; seu rosto certamente tem mais rugas do que tinha na juventude, mas quando você olha o Ganges, sua consciência visual de algum modo difere da consciência visual de quando o viu na sua infância? O rei respondeu: não é diferente, Honrado dos mundos.

Buda falou:

Vossa majestade, sua face tem rugas, mas a natureza essencial de sua consciência visual não enrugou.

Esse é um ponto, como se tivéssemos agora que parar tudo e contemplar. [Buda], dentro do *Surangama Sutra*, vai sair da consciência visual e explorar todas as consciências, e vai olhar a consciência discriminativa, e vai olhar uma por uma delas e ver que todas elas estão vivas, luminosas e não se alteram. O conteúdo pode se alterar, mas a operação delas não se altera - nem de dia, nem de noite nem em nenhum estado do bardo ela se altera- elas continuam.

Quando nós estamos, por exemplo, tentando escapar do samsara, de modo geral estamos tentando escapar de uma aparência, tentando colocar em outra aparência que é, vamos dizer assim, a transmigração. Estamos tentando sair de uma experiência para outra, mas não nos damos conta de que o princípio ativo que produz as múltiplas experiências não muda. Ele é o aspecto mais profundo em nós que é enfim a clara luz filho; mais adiante a gente vai identificar a clara luz filho com a clara luz mãe.

Então, como a gente vai escapar do samsara pessoal? Nós vamos escapar do samsara só identificando a clara luz - não tem outro jeito - que é aquilo que não flutua nas múltiplas experiências.

O aspecto do ensinamento dos sutras é uma descrição; [já] um ensinamento do tantra, os textos tântricos, como esse do *Surangama*, ele nos remete para a própria experiência, para olharmos ali dentro da experiência e ver aquilo, a experiência comum; o rei [está] olhando o rio, não está? Aí o Buda pega aquilo como instrução piedosa e mostra que aquilo não desaparece quando essas operações se dão.

É muito importante que entendamos isso, tomemos isso como uma instrução piedosa e pratiquemos desse modo. Aí nós vamos reconhecer que esse aspecto está claro, sim! Eu não tenho que fugir das múltiplas experiências, eu tenho que olhar dentro delas e ver o aspecto luminoso que produz isso e reconhecer esse aspecto luminoso como incessantemente presente.

Enquanto nós reconhecemos o aspecto luminoso incessantemente presente, eu termino descobrindo o aspecto luminoso da sabedoria primordial que reconhece isso, e [que] estou

incessantemente presente. [Desse modo] eu não só produzo a luminosidade, mas tenho uma atenção que reconhece e discrimina incessantemente presente. Ela está lá. Ela também não envelhece e nós vamos, como dizemos, para a iluminação da sabedoria primordial; estamos indo em direção a isso, ao reconhecimento da sabedoria primordial que é o tema central do *Surangama Sutra*.

Então o Buda falou

Vossa majestade, sua face tem rugas, mas a natureza essencial de sua consciência visual não enrugou. O que enruga está sujeito à mudança; a consciência visual não, ela está sempre operando. O que não enruga não muda, o que muda perecerá, mas o que não muda nem vem a ser e nem perece, portanto, como poderia ser afetado pelo seu nascimento e morte?

Assim, você não precisa se preocupar com o que as pessoas como Maskari, Gosaliputra dizem que quando seu corpo morre você deixa de existir. O rei acreditou nas palavras que havia escutado e entendeu que quando deixamos esse corpo seguimos para outro. Ele e todos os outros da grande assembleia ficaram imbuídos [de] uma nova compreensão.

Então esse era o texto que eu queria trazer do *Surangama*, que traz esse exemplo.

E eu vou agora relembrar os seis selos que são, essencialmente, o caminho para o reconhecimento de Darmata. Quando nós vamos olhando a consciência visual, nós reconhecemos isso como a mente primordial, e vamos reconhecer [que] isso dialoga perfeitamente com os seis selos.

Seis selos

Por exemplo, o rei olha o rio; aí nós temos o primeiro dos seis selos:

Dê às aparências o selo da vacuidade.

Para nós podermos reconhecer que, de fato, a consciência visual é incessantemente presente, nós temos que entendê-la. Para poder entender isso, nós temos que reconhecer o primeiro selo. As aparências são vacuidade. Então quando a gente reconhece que as aparências são vacuidade, vamos reconhecer que aquela água se deslocando, aquela terra, aquele leito de rio, aquilo tudo se deslocando (alguns seres não vêem o rio, eles vivem dentro do rio, eles não têm uma sensação de que exista algo, eles simplesmente vivem ali dentro), essa consciência de que há um longo percurso e aquela água fluindo desde as nascentes até o mar, isso é uma consciência específica. Mas a pessoa pode ter uma relação íntima com aquela água sem criar a noção de um rio, sem criar a aparência, a sensação de um rio; com isso nós retiramos o rio do rio e assim perguntamos “mas então como o rio surge, como o rio pode aparecer?” O rio aparece desde a vacuidade. Eu tenho uma liberdade na mente, e olhando as coisas eu posso reconhecer aquilo, eu posso denominar, eu posso também estabelecer uma relação com aquela aparência que agora eu vejo. Mas essa aparência, ela está ligada inevitavelmente com a bolha, com a sensação de identidade, com a sensação de propósito, com a causalidade etc...

Como estudamos nos oito pontos do Prajnaparamita, então a noção do rio surge assim: nós simplesmente olhando passamos a ver, como os outros objetos todos, como os múltiplos exemplos que o Buda traz. Assim, a pessoa junta rodas, vara, chapa, junta aquilo tudo e chama de carreta. Ela não está mais olhando as peças que trouxe, mas quando ela olha aquele conjunto de peças ela sorri e vê a carreta andando e vê a carreta. Então a carreta é uma construção adicional às várias partes que ela tinha que foram trazidas, que são aquilo que a pessoa nomeou, ela colocou tudo junto e aí viu a carreta. Portanto, a carreta, ela brota dessa consciência, visual que olha e vê a carreta, mas se a consciência forçar um pouquinho ela diz “eu vejo a roda, eu vejo a vara, eu vejo a chapa, eu vejo parte por parte”, ela pode dizer isso, mas agora ela chama aquilo tudo de algo mais, como “carreta”.

Essa capacidade de produzir de modo não dual com o próprio observador, [de] produzir as aparências, é o que nos permite dizer no [segundo selo] que

As aparências tão seladas pela vacuidade e a vacuidade e a luminosidade selam as aparências.

Então nós reconhecemos esse aspecto não dual.

Aí o terceiro selo é a

Não dualidade de aparência e vacuidade

Então reconhecemos efetivamente esse aspecto: a não dualidade de aparência e vacuidade. Essa não dualidade é selada com a grande bem aventura; desse modo, essa experiência é uma experiência de abertura porque ela nos permite penetrar na multiplicidade das aparências, revelando um princípio único que atua em todas elas. E aqui, quando vemos isso, vemos essa grande bem aventura. Com essa experiência de grande bem aventura junto com o reconhecimento dessa não dualidade, é que não está descrito, mas nós estamos manifestando a sabedoria primordial, a sabedoria que reconhece isso. E a sabedoria primordial está associada à grande bem aventura. Aí essa grande bem aventura está selada, portanto, pelo quê? Pela sabedoria primordial. Ela está selada com ausência de referenciais construídos de quando nós olhamos a aparência, porque as aparências surgem como tal a partir de referenciais com que a mente está operando, mas aqui nós não temos referenciais, por isso podemos reconhecer a gênese do surgimento das próprias aparências. Essa grande bem aventura está diretamente associada com a ausência de referenciais, que aqui se coloca como a ausência de pensamentos, e essa ausência de pensamento, essa condição incessantemente presente de onde brotam as visões e brota a sabedoria também, ela está incessantemente presente. Esse aspecto incessantemente presente, sem conteúdo, vai ser o sexto selo que é

O imutável Darmata

E esse ponto incessantemente presente, isso vai ser chamado dentro do *Surangama Sutra* de seio do Tathagata, seja no sentido ambiente, o lugar do Tathagata, o conteúdo do Tathagata, o núcleo que envolve o Tathagata, o Buda.

A partir da consciência visual que produz a aparência, o Buda está apontando aquilo que está incessantemente presente, que no caso se manifesta por dentro da consciência visual. Então aqui a gente olhou os seis selos.

Agora o Guru Rinpoche, quando ele vai trabalhar esse tema dos cinco bardos, ou seis bardos, ele vai dar que instrução? Qual instrução ele dá para nós superarmos o sofrimento de cada um dos cinco bardos? Ele vai dizer que o bardo da vida vai ser superado. A ignorância relativa ao bardo da vida e a liberação da ignorância durante o bardo da vida se tornam possíveis pelo reconhecimento de Darmata.

Se durante o bardo dessa vida nós reconhecermos Darmata, nós atingimos o objetivo, mas aqui não é o reconhecimento de Darmata como uma categoria discriminativa. É o reconhecimento de Darmata enquanto a transição para a mandala correspondente na qual a ação se dá desse modo; porque se eu me mantiver dentro do *Samsara* e explicar o que é Darmata, se eu me mantiver dentro de uma bolha e explicar o que é Darmata, eu não consigo. Eu não estou com a experiência efetiva, mas é possível, até mesmo uma folha de papel pode explicar isso, mas não há ali a realização. A realização significa a operação da mente a partir da mandala.

Se nós estivermos dentro da bolha isso não se resolve; então a nossa prática, a prática da realização, significa [que] ela converge para nós podermos manifestar os ensinamentos desde as mandalas. Essencialmente nós fazemos prática para sair da compreensão como ela foi apresentada - ela é apresentada do lugar onde nós estamos, onde nós estamos? Nas bolhas - e manifestar essa compreensão que surge na mente ordinária, a mente discursiva, e nós podermos mudar não a compreensão, mas a base segundo qual a compreensão se dá. Por isso que por vezes nós lembramos dos ensinamentos, mas às vezes passam anos até que a gente diga "uauuuuu"; aí a pessoa passa a ver aquilo desde a base que foi enunciada.

O Buda vai dizer que, durante o bardo dessa vida, o ponto central é reconhecer a esfera absoluta, reconhecer Darmata.

Na meditação, quando uma pessoa estiver no bardo da meditação, o que ela faz? No bardo da meditação ela deveria reconhecer Darmata como a essência da experiência da própria meditação.

Quando a pessoa estiver no bardo do sonho e o fluxo mental brotar livre, no meio do sonho, o que a pessoa deveria fazer? Ela deveria reconhecer Darmata, reconhecer a esfera absoluta no bardo do sonho.

E quando a pessoa estiver no bardo da vida e da morte, ou ela surge para a vida no corpo ou quando ela cessa a vida do corpo, o que ela deveria fazer? Ela deveria reconhecer aquilo que não nasce e não morre, deveria reconhecer a esfera absoluta Darmata que está ali presente naquela experiência, diretamente presente. Só que ela não é a aparência do samsara, ela é aquilo que produz a multiplicidade das aparências.

E quando a pessoa estiver na proximidade do bardo do vir a ser, ou seja, ela vai se transformar em alguma coisa, a identidade vai surgir de algum modo, ela vai se manifestar no meio daquilo, o que ela deveria fazer? Deveria reconhecer Darmata, reconhecer aquilo que não surge e não cessa.

Seja onde for, é como se aqui Guru Rinpoche tivesse apresentando essa experiência da grande abertura. Diante de qualquer tipo de experiência condicionada que nós tivermos, não abandonamos a experiência condicionada, não rejeitamos, buscando outra experiência condicionada. Reconhecemos como aquela experiência condicionada está manifestando, através da consciência condicionada, o aspecto luminoso das realidades, como a experiência condicionada que está produzindo aquilo. Ela é uma expressão luminosa que vai produzindo a luminosidade das aparências e então nós tomamos o fenômeno mesmo do surgimento, reconhecendo o aspecto luminoso daquilo. Reconhecemos que na base, se trocada uma experiência para outra, a mesma coisa está acontecendo; se trocar para outra, é a mesma coisa, é sempre a ação luminosa dessa base incessantemente presente.

Aí a pessoa sorri e se libera daquela experiência, mas ela não se libera porque ela rejeita [ou] ela abandona, mas 'porque ela ilumina aquela experiência.

Então essa mente que é capaz de iluminar essas múltiplas experiências a partir do reconhecimento de Darmata, essa mente é a mente da nossa prática. É isso que vamos chamar de não meditação. É isso que vamos utilizar incessantemente; no bardo dessa vida temos a grande vantagem de poder ler o texto, poder lembrar, poder fazer as práticas. E quando nos esquecemos, somos lembrados de novo e de novo, e acessamos os ensinamentos. Nós estamos nesse tempo, estamos nessa condição.

Aí Guru Rinpoche vai dizer, e Sogyal vai lembrar, que durante o bardo dessa vida devemos reconhecer a esfera absoluta, como uma criança perdida reencontrando sua mãe. Quando nós estivermos durante o bardo do samadhi, ou seja, no bardo da meditação, nós devemos esclarecer o que não estiver claro ao reconhecer a natureza de Darmata, como uma garota vaidosa olhando para o espelho, reconhecendo em si mesma essas qualidades, as qualidades estão ali.

Durante o bardo do sonho, tudo que está aparecendo é a manifestação do carma direto. As tendências habituais que estão aparecendo, como as imagens que estão diante de nós, deveriam ser reconhecidas como expressões luminosas de Darmata, como o fluxo de um rio.

Ou seja, o tempo todo, tudo que vai aparecendo vamos reconhecendo desse modo. Durante o bardo de nascimento e morte, quando nós tivermos perdido a clareza por um processo de obtusidade, um processo de desmaio dentro de uma consciência não lúcida, nós deveríamos como quem reconecta, relembra, nós deveríamos de novo acessar e reconhecer diretamente a natureza de Darmata.

E durante as circunstâncias do bardo do vir a ser, quando nós estivermos fazendo projetos, nos preparando para a transmigração, nós deveríamos conectar com esse carma residual que está nos impulsionando para outras direções, colocando energia e cognição e originação dependente em outras direções, construindo outros mundos luminosos. Nós deveríamos reconhecer isso diretamente como a manifestação de Darmata, como acender uma lâmpada em um quarto escuro. Nós estamos naquele quarto escuro planejando e de repente vem uma lâmpada e eu digo “uau, é a mesma coisa que estou fazendo desde tempos sem início”.

Então esse é o ensinamento de Guru Rinpoche sobre os seis bardos, os cinco bardos e também sobre os seis bardos como Dudjom Rinpoche explicou. A parte dos ensinamentos eu concluí e vou ficar à disposição para alguma pergunta que tem.

Perguntas

- A pergunta é sobre a sexta e sétima consciência. A sexta consciência, embora não dependa de um corpo, se manifesta por meio do corpo e a sétima consciência não depende muito de um corpo pelo que eu estou entendendo. A gente poderia diferenciar a sexta da sétima consciência por meio dos doze elos como a consciência que surge no terceiro elo e a identidade que surge no décimo?

Eu acho que no terceiro elo não tem os órgãos físicos ainda. A sexta consciência está associada aos órgãos físicos, e a sétima consciência, eu teria a tendência de dizer, ela é quando vai ao décimo primeiro elo. É que no décimo elo, ela surge, mas surge aquela sensação de unidade, ou seja de pensamento associado às várias experiências; mas eu, vamos dizer, tenho que raciocinar assim: se o terceiro elo tem uma consciência de um eu, acho que nós podemos dizer que o terceiro elo tem uma consciência de um eu a partir da ligação com as várias marcas mentais de Alaya Vijnana. Acho que é possível dizer isso. Então temos a oitava consciência que vai gerar tudo que é essencialmente Alaya Vijnana; dela brota a identidade, dessa identidade brota, junto com as cinco consciências dos sentidos físicos, a sexta que lida com isso, e aí a sétima consciência se infiltra junto da sexta.

- Então [é] essa sétima consciência que surge antes dos órgãos dos sentidos e da sexta que continua de uma vida para outra?

É, essa consciência ela segue, mas as consciências visuais, etc. elas seguem também, porque elas são um nível sutil. E também a sexta consciência segue. Porque, o que se dá? elas não operam num sentido grosseiro, porque os órgãos não estão operando, mas as consciências operam; elas produzem imagens luminosas e lidam com essas imagens.

A sexta consciência, se, por exemplo, [é] um animal, a sexta consciência surge de acordo com as capacidades percebidas pelos sentidos dos animais. Nos humanos essa sexta consciência surge relacionada ao corpo humano e assim [em] todos os reinos. Já a sétima consciência, ela não está vinculada ao corpo, então ela não é humana, animal... daí que seria possível a gente transmigrar de reino por reino.

Eu acho que [é] assim, é justo não é? Essa sétima consciência está ligada à experiência associada às categorias onde nós estivermos em Alaya Vijnana. Então estamos vendo essas categorias, e elas produzem essa sétima consciência, que é a consciência de uma inteligência operando, uma identidade operando ali por dentro. É isso mesmo, os seres não são propriamente humanos, é isso...

-Lama, minha pergunta é em relação ao Surangama. No trecho sobre a localização da mente, todas as metáforas utilizadas correlacionam avidya à capacidade visual, porque, por exemplo, a investigação sobre se a mente está no corpo não é pautada pelo sentido do tato.

Ele vai trabalhar o sentido visual no início, porque é o que afetou Ananda, mas ele vai trabalhar todos os outros sentidos, muito outros exemplos depois.

Nesses últimos três meses, acompanhei o processo de morte do meu pai, me senti completamente despreparada. Você falou que morrer em vida pode ajudar a se preparar para a morte física. Poderia dar exemplos disso? Como posso morrer em vida?

O ponto é: melhor tirar o aspecto morte assim; essa morte é reconhecer que ela já ocorreu na sua vida várias vezes. O bebê morreu e, na medida em que tu fostes tendo outras experiências, a menina pequena morreu. Aí ela deu lugar a uma pré-adolescente, que deu lugar a uma adolescente e ela foi indo e deu lugar a uma pessoa adulta. Essas etapas são etapas de reconhecimento de mundo, a forma como reconhecemos o mundo, as nossas prioridades, a forma como nós aspiramos e atuamos com a nossa mente, com as nossas emoções, as nossas relações, a forma como as relações se estabelecem, enfim a nossa vida. Os lugares onde nós andamos, eles mudam, então nós seguramente já transmigramos várias vezes durante essa mesma vida. Eu vejo que cada vez que transmigramos, sentimos que aquela vida está morrendo e vamos precisar ir para outro lugar. A pessoa começa a ficar aflita, a pessoa começa a pensar como que ela pode sair daquilo e ir para outro lugar, então ela começa a preparar aquilo. De repente se abre uma oportunidade, a pessoa corre naquela direção. Nós já fizemos isso várias vezes, assim é importante entender esse ponto. Se a gente fez isso várias vezes, isso significa que nunca fomos de fato aquela identidade. Nós temos uma base, uma base luminosa, livre, que nos permite surgir de vários modos numa mesma vida, escancaradamente. Então como surgimos numa mesma vida de diferentes modos, o que eu sugiro morrer em vida é nos darmos conta, numa mesma vida, que nós não somos nenhuma daquelas identidades, aquelas identidades morrem. E nós passamos a viver a partir de um reconhecimento, de uma base incessantemente presente que não nasce e não morre, quando as várias identidades nascem e morrem, então essa morte é a morte bem vinda, é a melhor morte. É melhor morrer isso antes de morrer fisicamente. Para estarmos preparados. Quem não morreu antes de morrer vai ter problemas, vai ter que morrer duas vezes; ali, no meio daquilo, não vai ser fácil. Essa morte em vida significa esse reconhecimento [sobre] o aspecto *fake* da realidade. Nós somos capazes de criar um aspecto *fake* para realidade; a realidade é *fake*, mas o criador da realidade *fake* ele segue. Esse é o ponto. Nós somos o que produz essa realidade e esse produtor não envelhece, ele não se altera, ele está incessantemente presente. Então nós precisaríamos contemplar isso, esse é o aspecto absoluto, precisaríamos contemplar esse aspecto, é isso.

O Lama falou hoje e sábado sobre percepção sólida da vacuidade, que leva aos nyams na meditação. Pode ocorrer esse obstáculo no bardo do sonho como, por exemplo, estar lúcido no sonho, atravessar uma parede e então ficar preso dentro dessa parede. Isso se dá devido a essa solidez da realidade? Como transpor definitivamente esse obstáculo?

Claudio Ferreira, de Viamão.

É que, quando a pessoa atravessa essa parede, aparece o carma, hehehe. A parede estava gelatinosa, mas quando apareceu o carma, [na] parede apareceu aquilo de atravessar a parede. Deve ser rápido, pode dar um problema, é mais ou menos isso, porque nós estamos vendo a realidade toda, como eu vou dizer, luminosa. Mas enquanto passeamos por essa realidade luminosa, pode ser que encontremos uma secção de carma onde aquilo não pareça luminoso, e aí nós nos assustamos; é sempre isso, sempre esse o ponto. Mesmo os praticantes, eles estão, a mente vai ficando mais aberta, mais aberta e começam a passear, por dentro de Alaya Vijnana. De repente eles encontram uma secção de Alaya Vijnana que parece muito sólida; aí eles têm dificuldade, aí eles têm dificuldade de ultrapassar aquilo. Por exemplo, uma forma de entrar quando começa se solidifica. Hehehe

Primeira coisa que a pessoa pensa: ela, “aah”, então ela diz “eu estou vendo isso desse modo assustador e tenho medo disso, eu não quero isso, é isso, eu não estou gostando nada, eu reconheço que tudo isso é vacuidade, mas eu reconheço agora que tem um carma que está produzindo isso em mim”. Aí repentinamente surge o mim e o carma; aquele carma justifica aquilo que está acontecendo, aí a pessoa diz “bom, ainda que haja vacuidade, há esse carma; havendo esse carma, como eu me livro disso (respiração ofegante), eu vou tentar sair fora disso, porque essa região eu não estou conseguindo entrar. Quando ela vai sair, não está conseguindo sair, “já estou com o pé preso aí dentro”. Aí é ruim hehehe... a pessoa precisaria relaxar aí dentro, e dizer “ok carma” então faça o que tem que fazer, desafiar, pagar para ver. O carma fica meio sem jeito

porque ele não tem solidez. Então se nós reconhecermos que tudo isso vai ser uma manifestação da luminosidade da mente produzindo aparências; se não tentarmos fugir daquilo, não fugir, mas reconhecer o aspecto luminoso de tudo aquilo e de todos os sofrimentos e de todos os cantos dos infernos e aflições; [se] a pessoa reconhecer no meio de experiência de aflição, [se] ela diz “olha, isso se dá assim”, aí ela não está mais na experiência de aflição. Ela está na experiência de lucidez diante das aflições; a parede volta a ficar fluida e ela se liberta. Esse é o ponto; não é lutando contra as aparências; no momento em que lutamos contra a aparência ela ficou sólida, elas ficam sólidas.

Marcos Figueira, de São Lourenço

O que é Darmakaya Phowa? na meditação é transferência de consciência? E também sobre transferência de consciência, pergunta da Aninha de Petrópolis, o que é preciso para receber a transmissão de prática de transferência de consciência?

A transferência de consciência é alguma coisa que acontece o tempo todo. Por exemplo, quando a pessoa está em sofrimento na meditação, aí vem o *kyosaku*, bateu na pessoa, ela oferece o outro lado, pum, bateu, ela está zerada, ela está super bem, energia voltou, não só dela, como a primeira pessoa do lado também; a pessoa “eu estou super bem, não tem nada aqui”, o mestre eu estou bem olha como eu estou, a sala inteira está, todo mundo com o olho bem aberto, isso é transferência de consciência. Está todo mundo com a consciência meio assim, aí *pá*, pronto, aquilo dá uma geral, ficou tudo perfeito, maravilhoso, então a transferência de consciência é aquele ponto, a base muda, aquilo *tchun*. Mas aqui, no momento da morte, nós estamos olhando a transferência de consciência para a terra pura. Esse é o ponto: se a pessoa não tiver um vislumbre da terra pura, essa transferência de consciência é essencialmente impossível, porque é como se a pessoa tivesse, ela passasse, mesmo se a consciência seja induzida a mudar, a pessoa passa por aquilo sem ver. Aquilo fica transparente porque a pessoa não tem mérito para reconhecer; então a transferência de consciência, a gente tem que trabalhar antes, e esse trabalho é reconhecer os seis selos, [tem que] trabalhar linha por linha.

Dê às aparências o selo de vacuidade. Vai lá para o *Prajnaparamita*, o *Sutra do Diamante*, o *Surangama Sutra* e vai olhar os múltiplos exemplos. Através desses múltiplos exemplos a pessoa pode desenvolver a capacidade de transitar para essa consciência clara de luminosidade e vacuidade das coisas. Então não basta a pessoa, por exemplo, ter a prática de *Phowa*, ela se transferir para terra pura de Amitaba, porque mesmo que ela desenvolva uma apreciação de Amitaba, ela tenha fé em Amitaba, essa fé em Amitaba é uma experiência de fé em Amitaba, mas ela tem a sensação separativa, ela tem todas as coisas, é uma experiência que não cabe dentro do *samsara*. A pessoa, quando ela diz “*phat*” (PÊ) e ela transfere a consciência, se ela morrer desse modo, ela se conecta com a experiência máxima que ela teve que foi uma partir disso. Ela ressurge com o fluxo mental dela no bardo da morte, na conexão de fé em Amitaba, isso é maravilhoso se ela consegue, mas ela tem uma visão embrionária de Amitaba, ela tem uma visão *samsárica* de Amitaba, ela não consegue reconhecer, é como se fosse um ser externo a ela, que ela tem devoção.

Então essa experiência pode [se] desvanecer, pode cessar, mas [é] melhor quando essa experiência, naquela condição, amadurece por outras raízes de mérito que ela tenha desenvolvido na conexão com Amitaba, [aí] ela consegue ver e acessar esses aspectos extraordinários. Melhor se a pessoa conseguiu trabalhar os seis selos, conseguiu trabalhar o *Prajnaparamita*, conseguiu trabalhar o *Sutra do Diamante*, trabalhar os ensinamentos todos de *Dudjom Lingpa*, *Dudjom Rinpoche*, [se] tiver reconhecido os ensinamentos da Iluminação da Sabedoria Primordial e toda essa classe de ensinamentos, se ela tiver acessado isso. Se ela tiver alguma realização nisso, a prática de transferência de consciência para uma Terra Pura de Amitaba, [caso] ela tenha uma base para depois ela poder ir desenvolvendo e amadurecendo, então isso vai acontecendo. Então o melhor é praticar imediatamente assim, praticar *Shamata*, praticar *Metabhavana*, praticar *Prajnaparamita*, praticar *Kayagatasati Sutra*, *Satipatana*, *Anapanasati*, *Surangama Sutra*, como a gente está olhando agora, detalhadamente, todos esses exemplos que conduzem a essa visão.

Pergunta do Ives, de Joinville.

O Lama falou muito sobre dissolução dos elementos no processo de morrer, ao modo natural. Poderia falar de como é e se teria alguma diferença numa morte num acidente inesperado e alguém com a energia plena?

É a mesma coisa. Por exemplo, a pessoa tem um acidente, leva uma batida muito forte, o elemento terra entra em colapso, a pessoa não tem mais força para levantar, isso é a dissolução do elemento terra; ela não tem como se mover, dissolução do elemento água; o corpo esfria, dissolução do elemento fogo; a respiração para, dissolução do elemento ar; a mente se confunde, ela borra, dissolução do elemento éter. Então é a mesma coisa, a morte é a morte. Ela pode ser mais rápida; se a pessoa está morrendo de uma forma mais gradual, ela consegue se dar conta disso, e se ela está morrendo em um acidente, de modo súbito, as mesmas etapas acontecem, mas a pessoa pode não se dar conta, não ter esse tempo para se dar conta disso.

Duas perguntas parecidas, uma do Júlio, de Florianópolis. Com relação aos falecidos há alguns anos, ainda seria apropriado oferecer méritos, já que eles podem ter renascido?

E outra parecida é de Marta, de Viamão. Até quanto tempo depois da morte de uma pessoa é auspicioso praticar em benefício dela? 21, 49 ou mais dias?

É assim, como a gente está vendo pela instrução de Dudjom Rinpoche, em 21 dias esses seres esquecem o ambiente anterior. Em 21 dias é como se a memória - no sentido de eles tomarem aquilo como referência, as experiências da vida anterior - ela se esgota em três semanas, e assim, esse é o período mais importante para prática. Mas ele mesmo recomenda que a sigamos fazendo práticas até 49 dias. Esses 49 dias são o tempo em que a mente se encaminha para um novo renascimento, que pode ser em corpo grosseiro, ou pode ser um renascimento em algum dos reinos, onde são corpos sutis. Esse é até um diálogo com os espíritos; então pode acontecer da pessoa tomar uma direção num plano onde os seres não estão manifestando um corpo grosseiro como nós estamos descrevendo, mas haver esse renascimento. Então eu vejo que pode ocorrer de fato esse tipo de situação assim. E pode acontecer que os seres mantenham esse tipo de consciência por um tempo longo, e eles não renasçam no reino humano, eles não venham, mas eles mantenham uma consciência com uma lembrança da vida anterior estimulada por um processo cármico. Nesse caso, as práticas, por um tempo mais longo, as práticas por um tempo indeterminado, elas poderiam ser favoráveis.

Por outro lado, se essas práticas seguem, elas podem beneficiar as próprias pessoas que tiveram relação com aquela pessoa na vida anterior. Então me parece assim muito apropriado que, de tanto em tanto, a pessoa lembre-se da pessoa já falecida, tenha bons pensamentos e pratique algo associado, dedique suas práticas, e dedique também *Metabhavana* em relação a essa pessoa. Porque, como vocês viram aqui, não são seres concretos, são seres luminosos sempre, mesmo durante a vida. E nós não vivemos, os seres não vivem separados, eles vivem completamente inter-relacionados. Pessoas que já morreram, o aspecto luminoso daquela presença, ele segue existindo, então esse aspecto luminoso pode ser trabalhado, ele pode seguir produzindo obstáculos, ou benefícios. É adequado que purifiquemos esse aspecto luminoso que surge como se fossem lembranças, mas essas lembranças movem energia. É como se fossem verdadeiras. É muito útil que olhemos essas manifestações, dedicando as nossas práticas aos antepassados e dedicando as nossas práticas, como *Metabhavana* a esses seres, assim nós purificamos as nossas vidas e nós vivemos melhor também.

Pergunta de Marcelo Rupert, de Curitiba.

Lama, hoje um grande número de pessoas se aproximam da morte com um obstáculo cognitivo causado pela demência, Alzheimer e outros, como ajudá-los no bardo?

O aspecto luminoso da mente deles segue intacto; eles estão com problemas nos órgãos físicos associados a olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Eles começam a ter uma perturbação

nisso, que induz uma perturbação associada à sexta consciência. E eles não têm o suporte físico para operar direito a sexta consciência, mas eles guardam a sétima consciência, que é[texto] o sentido de movimento, sentido de identidade. Eles inevitavelmente vão passar por isso, vão passar por essas dificuldades, se tudo que depender da memória, memória curta ou memória longa, começa a entrar em colapso. Mas isso está associado às consciências até a sexta consciência, então a sétima, oitava consciência elas estão intactas, elas seguem. Os renascimentos vão ocorrer quando tiverem que ocorrer, e nós fazemos as mesmas práticas, da mesma forma assim.

Joacir, de Porto Alegre

Qual o verdadeiro significado da Terra Pura? Podemos chegar à terra pura nessa existência?

A gente precisaria entender como as bolhas de realidade funcionam. Se a gente conseguir entender isso, o conceito de terra pura, a experiência de terra pura se torna possível. Se conseguirmos entender como é que operamos junto com um conjunto de coisas que consideramos real, que vemos com os sentidos todos como se fosse real, e aquilo é uma bolha. Se pudermos entender isso, na sequência vamos conseguir entender que a realidade é Vajra; ela é não dual com a nossa própria mente. Então a realidade surge desse modo extraordinário. Essa compreensão que a realidade é uma realidade Vajra, não dual com a própria mente, é a base de todas as terras puras. Esse é um elemento crucial, ele vai ser a base para a Terra Pura de qualquer deidade. O Prajnaparamita abre isso; então essa contemplação vai permitir esse reconhecimento.